

Epilepsia em Celebidades

Fábio Galvão Dantas*, Clarissa Dantas Ribeiro**, Windsor Ramos da Silva Júnior**

Departamento de Fisioterapia da Universidade Estadual da Paraíba (Campina Grande)

RESUMO

Durante a Idade Média, a epilepsia era considerada uma manifestação espiritual, freqüentemente associada à idéia de possessão demoníaca, o que trouxe aos portadores um sofrimento adicional, imposto pelo preconceito. Eles eram segregados e rotulados como “lunáticos”, sendo desacreditados e excluídos da vida social e científica. À luz da modernidade, várias celebridades têm sido sugeridas como portadoras de epilepsia, e as manifestações críticas e intercríticas podem ter contribuído, pelo menos em parte, para seus papéis decisivos na história. Este artigo de revisão apresenta algumas evidências de epilepsia em cinco personalidades importantes do passado, as quais, a despeito dos sofrimentos impostos pelos preconceitos e pela própria patologia, deixaram uma obra e um legado histórico de valor incalculável.

Unitermos: Epilepsia, pessoas famosas.

ABSTRACT

Epilepsy in famous persons

Persons with epilepsy almost always have been seen as lunatic, hysterical or insane people, mainly during medieval times. Thus, they were segregated and left beside social and scientific communities. Nevertheless, several famous persons have been described as suffering from epilepsy, and it is believed that at least some of their important contributions may have resulted from ictal and interictal epileptic phenomena. This paper reviews some evidences of epilepsy diagnosis in five famous persons, who left us a legacy of knowledge and a wonderful artistic production, in spite of having had a very suffering and difficult life.

Keywords: Epilepsy, famous persons.

INTRODUÇÃO

A epilepsia tem sido motivo de controvérsias desde tempos em que seu diagnóstico era associado a situações místicas ou espirituais. O histórico desconhecimento acerca da fisiopatologia dos fenômenos epiléticos fomentou o surgimento de relatos lendários, idéias preconceituosas e de uma série de expressões artísticas acerca da patologia, geralmente retratada de forma deturpada e pouco científica. Diversas personalidades históricas são relatadas como suspeitos ou portadores de epilepsia. Em muitos casos, o diagnóstico definitivo jamais pôde ser estabelecido, de-

vido à imprecisão clínica e às limitações tecnológicas da época. Ainda assim, a literatura apresenta significativas evidências acerca da possibilidade do diagnóstico de epilepsia em celebridades do passado. Este artigo propõe-se a revisar a literatura científica que relata a presença ou a suspeita de epilepsia em algumas celebridades, através de pesquisa documental nos bancos de dados do *medline*.

AS CELEBRIDADES

Dentre as celebridades que são citadas como possíveis portadores de epilepsia, serão destacadas as seguintes:

* Neurologista, Neurofisiologista Clínico, Professor Mestre do Depto. de Fisioterapia da Universidade Estadual da Paraíba, Doutorando em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco.

** Acadêmico (a) do curso de Fisioterapia da Universidade Estadual da Paraíba.

Received Mar. 30, 2008; accepted Apr. 18, 2008.

1) Vincent van Gogh, um dos mais prestigiados pintores da história, autor de obras clássicas, como “O Grito” e “Os Girassóis”; 2) Joana D’Arc, heroína da Guerra dos Cem Anos, que se tornou mártir após ser queimada viva e se constitui numa das mais cultuadas personalidades femininas da história da França; 3) Fiódor Dostoiévski, escritor russo, cujos auto-relatos sobre crises epilépticas se tornaram antológicos na literatura, através de personagens em seus romances; 4) Machado de Assis, a quem muitos consideram como o maior de todos os escritores brasileiros, sendo um dos criadores da crônica no país e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e 5) Emanuel Swedenborg, uma das mais notáveis personalidades suecas da história, famoso por sua produção como inventor, cientista, filósofo, teólogo e por seus relatos mediúnicos, hoje atribuídos a uma possível disfunção cerebral.

VINCENT van GOGH

Considerado como um dos mais importantes pintores expressionistas da história, Vincent van Gogh produziu uma obra incomparável, caracterizada pelos traços fortes e vigorosos, realçados por cores intensas, retratando situações de grande emotividade. O pintor nasceu em Groot Zundert, Holanda, em 1853. Recebeu o nome que seria dado a um primeiro irmão natimorto, o que pode ter sido o início de uma trajetória de vida marcada por uma intensa mistura de símbolos de aniversário e morte. Sua mãe era descrita como intolerante, e seu pai, como um pastor sacrificado e mal-humorado. Van Gogh teve cinco irmãos. Vários apresentaram, ao longo da vida, distúrbios psiquiátricos e neurológicos, como depressão, ansiedade, esquizofrenia e “demência parálitica”. Segundo relatos posteriores, o pintor cresceu sentido-se “feio e desajeitado”. Na idade adulta, seu temperamento foi descrito como depressivo, conturbado e auto-punitivo. Não há relatos de relacionamentos satisfatórios com as mulheres. Aos vinte anos, apaixonou-se pela chefe de sua irmã, e, já nessa época, eram claros os sinais de depressão. A seguir, muitas outras relações aconteceram, inclusive com uma prostituta, para quem ele pintaria a tela “Sofrimento”. Van Gogh morou em Paris durante dois anos com seu irmão, Theo, onde conheceu diversos artistas, dentre eles Toulouse Lautrec, que lhe apresentou a bebida absinto. A bebida era consumida por diversos artistas, na época, os quais se diziam, sob ação da mesma, mais perspicazes para a criação artística. Somaram-se ao absinto o uso de nicotina e diversas bebidas alcoólicas. A partir desta época, o pintor passou a apresentar recorrentes episódios psicóticos, muitas vezes iniciados por sensação de pressão na cabeça, seguida geralmente por agitação psicomotora, alucinações e auto-agressão (chegou a mutilar a própria orelha), sendo hostilizado pela população, que o tratava como “louco” e chegava a lhe atirar pedras na rua. Durante os intervalos

entre as crises, cada vez mais frequentes, van Gogh voltava a pintar, e as novas obras retratavam, de forma cada vez mais realista, seu mundo interior conturbado, descon-tínuo, solitário e angustiado. Alguns relatos obtidos em cartas escritas para seu irmão Theo remetem à possibilidade do diagnóstico de doença de Menière, especialmente quanto às vertigens episódicas, zumbidos e perda auditiva transitória, desequilíbrio, náuseas e intolerância ao barulho. A possibilidade de que van Gogh fosse portador de epilepsia do lobo temporal, com crises parciais complexas, é controversa. A favor, há a história de crises intermitentes, separadas por intervalos de lucidez, sendo caracterizadas por manifestações de caráter emocional (principalmente depressivo), alucinações, perda de identidade e impulsos autodestrutivos. Outras características da personalidade do artista remetem à chamada “personalidade epiléptica”, como alterações da sexualidade, irritabilidade, hipergrafia, temática emocional recorrente centrada em religião e filosofia, hipermoralismo ou misticismo. Alguns aspectos contradizem a hipótese de epilepsia do lobo temporal, tais como o tempo excessivo de duração das crises, manifestações de esquizofrenia psicótica, com depressão, ansiedade, pensamentos paranóicos e estados dissociativos. Há também o relato dos diagnósticos de sífilis, transtorno bipolar e esquizofrenia paranóide. O abuso de álcool e absinto, associado às más condições nutricionais, pode ter influenciado negativamente sobre as condições neurológicas e psiquiátricas do artista. Além disto, não havia tecnologia disponível e não houve critérios rigorosos para o estabelecimento do diagnóstico de epilepsia, inclusive nos relatos relativos ao período em que o artista se internou numa clínica em St. Remy, onde se tratavam “lunáticos e epilépticos”. Após uma vida marcada por intenso sofrimento psíquico, Vincent van Gogh se suicidou aos 37 anos, na França, levando consigo a incerteza acerca do seu diagnóstico definitivo, mas deixando uma obra única, inimitável e, acima de tudo, de extrema auto-expressividade emocional.

JOANA D’ARC

A camponesa Joana D’Arc nasceu numa família pobre, em Domrémy, região de Lorraine, na França, provavelmente no ano de 1412. Sua mãe lhe ensinou os afazeres de uma menina da época, mas, aos treze anos de idade, iniciaram-se episódios que mudariam a sua vida. Segundo seus próprios relatos, a menina passou a ouvir vozes divinas, cerca de duas a três vezes por semana. As vozes vinham da direção da igreja, sendo acompanhadas por uma visão de claridade e uma sensação de medo, e muitas vezes eram incompreensíveis. Numa das ocasiões, a menina compreendeu uma ordem clara, que lhe dizia para ir a Paris, a fim de libertar a cidade de Orléans do domínio do império britânico, na época controlando grande parte da

França. Joana foi levada à presença do rei francês, o qual, acreditando em suas intenções, deu-lhe o comando de um batalhão do exército, com o qual Joana conseguiu seu intento. Outras batalhas foram comandadas pela moça, que sempre se vestia de homem, e apresentava visões cada vez mais freqüentes. Durante sua última batalha, Joana foi capturada por aliados dos ingleses, na primavera de 1430. Condenada, foi queimada viva numa fogueira, em 30 de maio de 1431, com cerca de dezenove anos de idade. Várias hipóteses têm sido aventadas para explicar as visões de Joana D'Arc. Os registros acerca de suas alucinações visuais e auditivas já foram associadas à possibilidade de uma desordem mental. Entretanto, os testemunhos de Joana, sempre claros e cuidadosos, não apóiam essa hipótese. Outra possibilidade mais viável seria o diagnóstico de uma desordem epiléptica. Especificamente, sugere-se a epilepsia musicogênia reflexa, uma vez que os episódios eram geralmente desencadeados pela audição de sons estereotipados (as badaladas do sino da igreja). Na epilepsia musicogênia, o estímulo auditivo que desencadeia a crise é geralmente estereotipado e relacionado a um significado emocional específico para o portador. No caso de Joana D'Arc, os sinos da igreja possuíam um significado único, em se tratando da Idade Média, principalmente em comunidades rurais, uma vez que era a época áurea do domínio social, político e cultural do clero. Outro possível sintoma epiléptico tem sido sugerido como parte das "visões" de Joana D'Arc: trata-se das auras extáticas, fenômeno pouco descrito, mais popularizado após as descrições feitas pelo escritor russo Dostoiévski. Trata-se de uma aura normalmente relacionada à epilepsia do lobo temporal, descrita como uma sensação psíquica de êxtase, extremo bem-estar, de clarividência, compreensão do sentido da vida e do universo. Tais sensações duravam de 20 a 30 segundos, e Joana chegava a chorar, após seu término. Segundo descrições, a execução de Joana D'Arc não provocou destruição de parte do coração e do intestino pelas chamas. Especula-se que ela poderia ter sido portadora de pericardite tuberculosa calcificada e linfadenopatia mesentérica e/ou de tuberculoma intracraniano, especialmente devido às precárias condições sanitárias medievais. Tanto a possibilidade de epilepsia musicogênica quanto as auras extáticas e alucinações visuais sugerem a possibilidade de epilepsia do lobo temporal. O debate acerca desta possibilidade torna-se ainda mais fascinante ao se observar que os fenômenos cognitivos levaram Joana D'Arc a combater em batalha, tornando-se mártir, e, hoje, a ser reverenciada como uma das mais importantes figuras femininas da história.

FYODOR DOSTOIÉVSKI

O mais importante escritor russo da história nasceu em 11 de novembro de 1821. Perdeu a mãe muito cedo

por tuberculose, e seu pai foi provavelmente assassinado por colonos, revoltados com os maus tratos que recebiam. Este fato provocou-lhe sentimentos intensamente conflituosos de ódio em relação ao pai, inclusive com desejo de morte, e se refletiu em algumas de suas obras literárias. Dostoiévski ingressou numa escola militar de Engenharia contra a sua vontade, e aproveitou este período para ler tudo o que podia ter ao seu alcance, construindo o cabedal literário que embasaria sua futura obra. Ainda na adolescência, apresentou uma primeira crise convulsiva, que se repetiria durante toda a sua vida. Aos 22 anos, deixou o exército para se consagrar como escritor de sucesso. Embora se aceite que o escritor realmente era portador de epilepsia, discute-se em qual grupo esta poderia ser enquadrada. Parte do que se sabe acerca das crises de Dostoiévski foi retirada dos seus próprios romances, em vários momentos autobiográficos. Favorecendo a hipótese de epilepsia do lobo temporal, há descrições clássicas de auras extáticas, que acometiam um dos personagens do livro *O Idiota*. Em *Os Irmãos Karamazov*, um dos personagens apresentava aura "laríngea", descrita como um espasmo vocal. A esposa de Dostoiévski descreveria um tipo de aura apresentada pelo escritor, caracterizada por "coceiras" na mão, as quais eram seguidas por uma convulsão, o que remete à possibilidade de aura sensitiva. Entretanto, não há indicações claras sobre o clássico comportamento intercrítico, geralmente observado em portadores de epilepsia do lobo temporal: o escritor não apresentava significativos distúrbios psicomotores, assim como não foram referidas manifestações de viscosidade ou de alterações de sexualidade. A predisposição genética para epilepsia se apóia também na morte de um dos filhos do escritor, por estado de mal epiléptico. Assim, acredita-se que pode ter havido um componente neuropatológico de pequena magnitude que provocava as crises do lobo temporal, mas as rápidas generalizações secundárias, favorecidas pela grande predisposição genética, teriam suprimido uma expressão mais rica das manifestações críticas e intercríticas da epilepsia do lobo temporal. O autor faleceu em 1881, e deixou alguns dos maiores clássicos da literatura mundial.

MACHADO DE ASSIS

Considerado um dos maiores escritores da história brasileira, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839, filho de um mulato e de uma portuguesa, o que lhe trouxe a particularidade de ser o primeiro escritor negro, num país tradicionalmente racista nos meios intelectuais. Pouco se sabe acerca de sua infância e adolescência, exceto o fato de ter tido uma saúde frágil e uma vida sacrificada. Logo cedo, tornou-se vendedor de doces, e é provável que assistisse às aulas na escola perto da qual trabalhava, nos períodos em que não

estava em atividade. Aprendeu francês, inglês e alemão, e, aos quinze anos, estreou na literatura, escrevendo uma primeira crônica. A seguir, Machado escreveria clássicos da literatura, em duas fases: uma inicial, mais romântica, e outra tardia, mais realista. Esta última fase reflete, segundo muitos críticos, uma grande descrença com relação ao ser humano, provavelmente fruto dos dissabores vividos ao longo de uma história de sacrifícios, doença e preconceitos. O que se conhece acerca da epilepsia da qual Machado padecia provém principalmente de suas 271 correspondências pessoais, enviadas e recebidas, as quais foram publicadas em 1938. As crises se iniciaram na infância, apresentaram uma remissão na adolescência e recidivaram na terceira década de vida, tornando-se, a partir daí, cada vez mais frequentes. Em 1908, houve a primeira menção acerca da patologia, quando escreveu para seu amigo Mário de Alencar que, “apesar da velhice e das crises, estava bem, e não vinha tendo acompanhamento médico”. As crises eram descritas pelo autor como “coisas esquisitas”, “ausências”, “fenômenos nervosos” e “minha doença”. Uma das crises, presenciada e descrita por um amigo chamado Carlos de Laet, apresentava características sugestivas de uma crise parcial complexa: início com olhar perdido, fisionomia transtornada e palavras desconexas. Mário de Alencar acrescentou que a preocupação de Machado, com relação às crises ou com a iminência delas, era uma constante. Machado também se queixava de diversos sintomas gastrointestinais, provavelmente efeitos colaterais de medicamentos que usava na época para tentar controlar as crises, com pouca eficácia. Na última década de vida, as crises se tornaram ainda mais frequentes, e o escritor passou a padecer de um severo quadro depressivo. Em sua última carta, um mês antes de morrer (em 29 de setembro de 1908), Machado revelou ter lido a biografia de Flaubert, e ter se identificado com ele, no sentido da solidão, da tristeza e da doença que ambos possuíam. Acredita-se, portanto, que Machado de Assis era portador de crises parciais complexas de etiologia desconhecida, com frequentes generalizações secundárias. O excessivo realismo, e, por vezes, o pessimismo que expressava em suas obras, especialmente nas últimas, refletia o sofrimento associado à patologia e suas conseqüências. Ainda hoje, Machado de Assis é considerado, no Brasil e no exterior, como um dos maiores escritores da história. Também neste caso, a presença de epilepsia, com todas as suas implicações pessoais, sociais e culturais, refletiu-se na sua obra literária densa e por vezes pessimista.

EMANUEL SWEDENBORG

Considerado um dos mais proeminentes cientistas europeus, Swedenborg nasceu em 29 de janeiro de 1688. Formou-se em Engenharia de Minas, mas desenvolveu estudos em áreas distintas, como na anatomia, geologia,

astronomia e hidráulica. Muitos dos conceitos introduzidos pelo cientista são considerados pioneiros, o que o tornou uma espécie de herói nacional: passou a ser conhecido como o “Aristóteles da Suécia”. Swedenborg dominou praticamente todas as ciências contemporâneas, até um fato que mudaria sua vida, aos 56 anos de idade: o autor relatou uma visão divina, que lhe mostrou os segredos ocultos sobre “o céu e o inferno”, e lhe orientou para uma vida de pregação, que o levaria a graves conflitos com as idéias religiosas vigentes na época. Relatou também que, a partir deste momento, passou a ter o poder de conversar com os anjos. Esse episódio marca sua transição de cientista a teólogo, especialmente com a publicação de “Segredos Celestes”, o que indignou a comunidade científica da época. A partir daí, os constantes episódios de alucinações e as alterações comportamentais fomentaram de forma crescente os rumores de que o cientista padecia de alguma psicopatia ou de epilepsia. Em 1744, durante uma visita a Londres, apresentou um surto psicótico, onde dizia ser o messias, e queria ser crucificado pelos judeus. Permaneceu em seu quarto por dois dias, e, ao sair, apresentava fala incompreensível e hipersialorréia, fato posteriormente relatado como um estado pós-crítico epiléptico. Relatava alucinações relacionadas ao olfato, paladar e somestesia. Recusava-se a lavar as roupas, e apresentava sintomas paranóides graves. Imaginava que suas persistentes dores nos dentes eram sinais de demônios, que tentavam entrar para se apoderar do seu corpo. Alternava períodos de agitação, quando era possível ouvir seus gritos à noite, com períodos afáveis, mas sempre se recusava a ficar sozinho com mulheres. Apesar da grande resistência que encontrou por parte da igreja e da comunidade científica, Swedenborg continuou seus escritos até o final da vida. Faleceu em 29 de março de 1772, data que, segundo consta, ele também havia previsto. Persistiu o enigma: não se sabe se Swedenborg sofria de esquizofrenia ou se os eventos eram parte de uma forma grave de epilepsia, com manifestações críticas e intercíticas. A favor da possibilidade de epilepsia, havia claros relatos sugestivos de crises parciais complexas, como auras características, quedas, perda da consciência, convulsões, alucinações visuais e auditivas, estados de transe, além de pensamentos dissociativos, confusão mental, perda de memória e mudanças de comportamento. Não há relatos sobre o uso de drogas ilícitas.

CONCLUSÃO

Em muitos casos, é praticamente impossível estabelecer com absoluta precisão o diagnóstico de epilepsia em celebridades do passado, devido às imprecisões clínicas e às limitações tecnológicas e científicas da época. Entretanto, há vários indícios que sugerem este diagnóstico em grandes nomes das artes, da política e da ciência. Uma

releitura destes aspectos torna-se essencial, não apenas para o fortalecimento da idéia de que a epilepsia não é necessariamente um fator limitante às ações humanas, mas, muito pelo contrário, pode ter sido uma fonte de inspiração para alguns dos maiores feitos sociais, políticos, científicos e artísticos do passado, por mais que esse fato tenha lhes custado.

REFERÊNCIAS

- Chapman AH, Santana MC. Machado de Assis's own writings about his epilepsy: A brief clinical note. *Arq Neuropsiquiatr* 2000; 58(4):1153-4.
- Foote-Smith E, Bayne L. Joan of Arc. *Epilepsia* 1991; 32(6):810-5.
- Foote-Smith E, Smith TJ. Historical Note: Emanuel Swedenborg. *Epilepsia* 1996; 37(2):211-8.
- Gastaut H. New comments on the Epilepsy of Fyodor Dostoevsky. *Epilepsia* 1984; 25(4):408-11.
- Guerreiro CAM. Machado de Assis's epilepsy. *Arq Neuropsiquiatr* 1992; 50(3):378-82.
- Johnson J. Henry Maudsley on Swedenborg's Messianic Psychosis. *British Journal of Psychiatry* 1994; 165:690-1.
- Kaufman I, Arenberg L, Countryman LF et al. Vincent's Violent Vertigo. *Acta Otolaryngol* 1991; 485:84-103.
- Morant JCA. The wing of madness: The illness of Vincent van Gogh. *Can J Psychiatry* 1993;38(7):480-4.
- William W, Meissner SJ. The artist in the hospital: The van Gogh case. *Bull Menninger Clin* 1994; 58(3):283-306.

Endereço para correspondência:

Fábio Galvão Dantas
Rua Maria Aparecida Carneiro, 165/402 – Bairro Catolé
CEP 58109-753, Campina Grande, PB, Brasil
E-mail: fabiogalvaodantas@gmail.com